

Candidato: PFL não é Sarney

JOÃO EMILIO FALCÃO

O ex-ministro Aureliano Chaves assegurou ontem que o PFL não está à disposição do Governo para uma manobra capaz de unir o centro e os partidos liberais. "O PFL apóia o Governo, mas não é um partido do Governo. Fui escolhido nas prévias e na convenção e, portanto, sou candidato do partido e minha candidatura é irreversível" — comentou.

Apesar de interessado em unir o partido, contando inclusive com as gestões desenvolvidas pelo ex-presidente Jânio Quadros, Aureliano Chaves contesta que a dissidência seja tão considerável quanto os jornais noticiam. A resistência está apenas em alguns parlamentares, pois as bases do partido o estão apoiando.

ELEITOREIRO

Em entrevista concedida ao programa "Opinião Pública", o candidato do PFL criticou, com veemência, o Plano Cruzado, ao qual se opôs desde o início, tendo advertido o presidente José Sarney de seu irrealismo. O mais lamentável é que o Plano Cruzado sacrificou os assalariados e não foi corrigido, como deveria ter sido, por interesses eleitorais. A culpa não é, porém, só do Presidente da República, mas também das elites partidárias e até de setores da comunicação social.

Entre os grandes males causados pelo Plano Cruzado à economia, está a dificuldade em que hoje se encontra a Petrobrás, exaltada por Aureliano Chaves como um exemplo da capacidade e da eficiência nacionais. A Petrobrás, durante o Plano Cruzado, pagava aos usineiros fornecedores valores atualizados, mas os preços da gasolina e do álcool estavam congelados. Essa diferença provocou um déficit, do qual a estatal ainda não se recuperou.

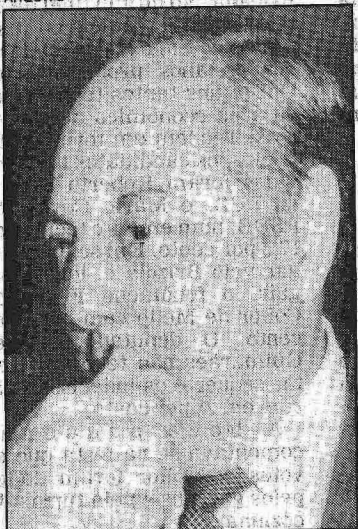
Não admite Aureliano Chaves que, seja qual for o pretexto, se esconda a verdade do povo. Em consequência, não aceita o que ocorreu com o Plano Cruzado, que teve objetivo eleitoral, a partir de determinado momento: "Prefiro não ser eleito a receber um voto enganado" — afirmou.

PRODUÇÃO

Caso se eleja presidente da República, Aureliano Chaves pretende combater a inflação com métodos ortodoxos, pragmáticos, sem fórmulas milagrosas. "Temos que trabalhar e incentivar os que produzem" — acentuou o candidato do PFL, que não compreende como se possa, hoje, beneficiar não apenas os que manipulam, mas também os que especulam, como aconteceu recentemente.

"A inflação tem muito de influência psicológica. Uma das

ARQUIVO



Aureliano recusa união liberal

causas dessa influência é a liberalidade com a especulação, que acaba destruindo a credibilidade. Não podemos transigir com a especulação".

Entre os principais problemas que enfrentará de imediato, se for eleito, está a deficiência do sistema educacional, "que precisa ser inteiramente reformulado". Ele quer uma prioridade para os ensinos de 1º e 2º graus, inclusive com ensino profissionalizante, e contenção da formação em massa de doutores sem mercado e sem auxiliares capacitados.

GOVERNISTA

A acusação dos dissidentes de que é governista não o preocupa. Assumiu o Ministério das Minas e Energia, apesar de não o querer, por insistência de Tancredo Neves, e não poderia deixar o cargo na gestão de José Sarney, indicado para vice-presidente por ele e pelos senadores Marco Maciel (PE) e Jorge Bornhausen (SC).

Durante a gestão como ministro, adotou posições independentes, como aconteceu ao discordar do Plano Cruzado e do empréstimo compulsório. Protestou também contra várias medidas da área econômica, discordou dos aumentos tributários — "fizeram o trileão, depois o mensalão, qualquer dia lançam o diário, e sempre em cima dos assalariados" — e teve posições próprias ao negociar a greve dos petroleiros.

"Não sou governista. Agora, esperarem que eu vá condenar o Governo apenas para ganhar votos, não tem sentido. Farei uma campanha ética, falando a verdade, dizendo o que realmente penso, não apenas com objetivo eleitoral e procurando apenas ganhar votos — afirmou o candidato do PFL à Presidência da República.